



GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: FORMAÇÃO DE PROFESSORAS/ES E OS DESAFIOS NA CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS CURRICULARES DE ENFRENTAMENTO AO PRECONCEITO E A DISCRIMINAÇÃO NO ÂMBITO ESCOLAR NO PARANÁ

Melissa Colbert Bello¹
Dayana Brunetto Carlin dos Santos²

Esse trabalho é desdobramento de nossas atividades na gestão pública da educação, no Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NGDS) da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED). Trata-se portanto de uma pesquisa e reflexão teórica que objetiva principalmente a avaliação de uma das ações que temos organizado a partir desse Núcleo. O Núcleo é parte do Departamento da Diversidade dessa secretaria e desde 2009 desenvolve um trabalho focado na educação escolar e a promoção dos direitos sociais e civis de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTT) bem como de relações de equidade entre os gêneros.

A proposta desse artigo é a análise das reflexões de professoras/es após a conclusão de 200h de formação continuada através do curso de Gênero e Diversidade na Escola. Esse curso é oferecido anualmente, desde 2003 pelo Ministério da Educação (MEC) e instituições parceiras. No Paraná em 2009/2010 a Instituição de Educação superior parceira que teve seu projeto aprovado para a realização do curso foi a Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. O curso é desenvolvido na modalidade à distância e tem uma carga horária de 200 horas. Delas, 30 são trabalhadas em aulas presenciais por meio de seminário-participativo e 170 horas de atividades à distância através da plataforma modle. Essas atividades são divididas em quatro módulos temáticos: Diversidade, Gênero, Relações étnico-raciais e Diversidade Sexual.

Para que o curso não fosse para as/os participantes apenas mais um curso de formação que agregasse pontos aos planos de carreira das/os professoras/es, a Secretaria de Educação propôs através do NGDS orientações dos fóruns e debates propostos para as/os cursistas através da plataforma on-line que tratassem da análise da realidade vividas pelas/os cursistas nas escolas e propusessem reflexões sobre a inserção das temáticas do curso nos currículos, espaços e relações sociais escolares. Nesse sentido, durante o curso a equipe do NGDS manteve diálogo tutora/es

¹ Bacharel e Licenciatura em História e especialização em Organização do Trabalho Pedagógico Escolar. Técnica Pedagógica do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NGDS) da Secretaria de Estado da Educação melicolbert@hotmail.com.

² Licenciatura em Ciências Biológicas, especialização em Sexualidade Humana, mestranda em Educação. Coordenadora do Núcleo de Gênero e Diversidade Sexual (NGDS) da Secretaria de Estado da Educação. ms.sex.dayana@gmail.com



SEED, atividades propunham reflexões sobre a prática docente e apontavam para se pensar outras possibilidades de uso didático dessa temática partindo de reflexões como as de Tomaz Tadeu da Silva que ao tratar dos novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna, afirma que

Os processos que se referem a crítica cultural pos-colonialista, as teorizações feministas, a política de identidade cultural e as novas compreensões sobre o papel da mídia e da cultura popular estão no centro de nossas vidas cotidianas, não são processos abstratos que precisem ser traduzidos a um nível concreto para que possam ser enfrentados. A crítica ao machismo, ao racismo, ao etnocentrismo, por exemplo, sugere imediatamente ações concretas pelas quais essas formas de poder e subjugação podem ser contestadas e combatidas. Pode se pensar imediatamente em formas de fazer com que uma política cultural que leve essas compreensões a sério se traduza em atividades e materiais curriculares. Aqui os vínculos entre teoria e prática, entre crítica e intervenção são imediatos. Analisar a educação e trabalhar na educação de uma perspectiva culturalista implica prestar a atenção as formas e processos pelos quais as histórias e narrativas que são contadas no currículo estão implicadas em relações de poder. Envolve questionar essas histórias e narrativas em seu poder de representação – do mundo social, dos diferentes grupos sociais, dos interesses divergentes. O currículo é uma das importantes narrativas nas quais certos grupos sociais exercem o privilégio e poder de representar outros. Uma das mais importantes tarefas de crítica e da intervenção cultural em educação consiste precisamente em perguntar quais grupos e interesses não estão apenas representados no currículo, mas tem o poder de representar os outros. E inversamente quais grupos e interesses deixam de estar representados ou são representados por outros.³

Pensando na inclusão desses sujeitos a partir dessas novas perspectivas de currículo definiu-se um compromisso assinado por todas as direções de escola por ocasião das inscrições das/os cursistas, onde assumiam o apoio à participação e à conclusão do curso e a iniciativa de discutir as atividades propostas pelas/os cursistas e sua implementação no espaço da escola. Como trabalho final, pensando na continuidade das discussões depois de encerrado o curso, foi proposta a elaboração de um Plano de Intervenção Pedagógica que deveria ser implementado na Escola, com o apoio da Secretaria de Estado da Educação que orienta e acompanha através de seus núcleos regionais, a continuidade dessas reflexões mesmo depois de terminada a formação.

A demanda pelo curso foi significativa perfazendo um total de 8463 pessoas pré-inscritas no curso das quais 1437 foram matriculadas. Dessas 924 concluíram o curso o que redundou numa taxa de 25% de desistentes. Envolveram-se no acompanhamento dessas/es cursistas 50 tutoras/es on line e 50 tutoras/es presenciais.

Do montante dos 924 trabalhos finais, optamos por desenvolver uma análise qualitativa. Para isso desenvolvemos a seguinte metodologia. Elaboramos questionários aos tutores que acompanharam um grupo de até 30 cursistas durante seis meses de curso e analisaram os seus trabalhos finais. Nesse questionário fizemos a proposta de uma análise subjetiva priorizando a

³ SILVA, Tomaz Tadeu. Novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pós-moderna. In SILVA, Tomaz Tadeu e MOREIRA, Antonio Flávio. (Org). Territórios Contestados: o currículo e os novos mapas políticos culturais. 5ª ed. Editora Vozes. 1995. p 201-202.



impressão final das/os tutoras/es sobre todo o desenvolvimento realizado por elas/eles durante o curso. A proposta do questionário subjetivo abordava as impressões gerais ao final do curso que marcaram as memórias das/dos tutoras/es sem que se preocupassem com a possibilidade de serem “traídas/os pela memória” pois nesse primeiro momento buscamos justamente as impressões mais fortes, as que permaneceram.

Destacamos portanto o aspecto subjetivo dessas impressões que servem como ponto de partida para nosso trabalho delimitando também o recorte que propusemos para esse questionamento: a articulação das temáticas de gênero e diversidade abordados no Curso GDE e as práticas curriculares expressas pelas professoras/es da Rede Estadual de Ensino do Paraná durante a participação nesse curso. Dos 50 tutores que receberam o questionário apenas sete deles responderam as questões. A partir desse universo obtivemos, além das suas próprias impressões, a indicação de um ou dois trabalhos de cursistas indicados por elas/eles por serem considerados trabalhos relevantes no universo de seu grupo de cursistas. Lembramos que cada tutora/or atendia um grupo de aproximadamente 30 cursistas.

Partindo desses primeiros recortes e dessa pequena amostra que ainda faremos algumas reflexões que podem ser válidas para definirmos novas formas de análise pensando no conjunto dos trabalhos. Pensando primeiramente as respostas dadas pelas/os tutoras/es ao questionário destaca-se que todas/os tutoras/es observaram, nas interações de seus cursistas, reflexões que articulam as discussões do curso à suas práticas docentes, e na maioria delas essas articulações referiam-se a lembranças de situações de discriminação e preconceito vividas ou presenciadas em suas escolas. Segundo alguns relatos muitas vezes as interações das/os cursistas centravam-se em questões pessoais, familiares, relatos de casos particulares ocorridos com pessoas próximas. Esse enfoque nas situações de vida, nos relatos de casos, nas constatações do preconceito estava também presente nas atividades e textos propostos no curso.

As/os cursistas problematizavam as próprias práticas muitas vezes identificando posicionamentos preconceituosos que já tiveram e que avaliam que não mais terão depois das reflexões do curso. Nesse sentido percebe-se que o curso provocou questionamentos e mudanças nos posicionamentos de cursistas. Essas mudanças puderam ser percebidas ao longo do curso nos espaços virtuais e presenciais de interação. Na medida em que participavam dos debates, dos Fóruns, que postavam reflexões nos diários a partir das proposições feitas as/os tutoras/es podiam perceber positivamente as mudanças nos posicionamentos e uma maior compreensão dos conceitos pelas/os cursistas ao longo do curso.



Outra constatação das tutoras/es é de que o foco dos debates realizados durante o curso na maioria das vezes centravam-se nos diversos espaços da escola como o pátio, cantina, banheiros, salas de professoras/es e pelas relações sociais da escola (relações entre alunas/os no recreio, entre professoras/es, direção e equipe pedagógica da escola) pontuando repetidas vezes o despreparo das/dos profissionais da escola para tratar dessas relações e da violência e discriminações que muitas vezes as compõe, do preconceito existente entre as/os próprios professoras/es. As questões sobre os encaminhamentos das aulas de cada professora/or e fatos ocorridos em sala de aula apareciam com muito menos frequência conforme os relatos de tutoras/es.

Contudo quando se trata da articulação entre os conteúdos disciplinares, as propostas e planos de aula e suas relações com as discussões do Curso GDE as respostas dadas pelas/os tutoras/es variaram. Alguns afirmaram perceber uma completa desarticulação, afirmando que professoras/es propuseram atividades estanques e pontuais que não alteravam a dinâmica de trabalho ou os temas já abordavam na abordagem cotidiana de suas disciplinas, abriam apenas uma brecha entre elas para falar sobre um tema que permanecia alheio. Outras respostas afirmavam que houveram poucos cursistas que fizeram boas articulações. Mesmo assim quando solicitamos indicação de alguns trabalhos conseguiram elencar alguns exemplos de bons trabalhos na área de pedagogia, matemática, língua portuguesa, sociologia e até de física onde as/os cursistas propuseram articulação entre conteúdos e práticas de sua disciplina e as temáticas de Gênero e Diversidade.

Nesse sentido, para obtermos uma mostra do resultado desses trabalhos, solicitamos que cada tutora/or indicasse um dentre todas/os suas/eus cursistas que tivesse se destacado na elaboração do seu trabalho final e fizemos a leitura de onde utilizaremos os termos mais recorrentes e algumas impressões para pensar algumas hipóteses e arriscar uma análise. Os trabalhos solicitados deveriam contemplar um diagnóstico da realidade escolar, fundamentação teórico-metodológica, objetivos e proposta de ação.

As análises diagnósticas da realidade, feitas de forma curta e rápida atestavam situações de preconceito e discriminação, bulling e estavam muitas vezes em oposição aos textos das fundamentações teóricas que em sua maioria eram textos longos e recheadas de citações do material estudado ao longo do curso. Os objetivos explicitados para os trabalhos propostos contemplam de forma recorrente uma perspectiva de “mediação de conflitos” propondo ações com a intencionalidade de amenizar situações de conflito envolvendo pessoas LGBT na escola. O foco nas questões individuais e até psicológicas das/dos estudantes também é presente: objetivos como o de



“aumentar a auto-estima”, “favorecer a aceitação”, “estimular comportamentos...” aparecem com frequência o que não distancia essas abordagens das concepções disciplinares da escola. O discurso e práticas para efetivá-lo ainda são insuficientes diante da força histórica dessa tradição disciplinar e de controle. Conforme Guacira Louro advogando a favor de uma perspectiva queer de currículo:

“O discurso político e teórico que produz a representação ‘positiva’ da homossexualidade também exerce, é claro um efeito regulador e disciplinados. Ao afirmar uma posição-de-sujeito, supõe necessariamente, o estabelecimento de seus contornos, seus limites, suas possibilidades e restrições.”⁴ LOURO, p33

Quando se trata de apontar a ação, as propostas de trabalho com esses temas na escola, com algumas exceções, confirmamos a avaliação feita pelas/os tutores sobre eles. As ações focam o tema de maneira pontual com a proposição de uma semana, uma palestra, a exibição de alguns filmes sem apontar para a continuidade do trabalho ou estabelecer os nexos entre a ação proposta e o objetivo esperado. Pensamos como através dessas brechas estabelecidas nas práticas escolares já cristalizadas podem vir a contribuir para uma reflexão problematizadora das relações de gênero e da diversidade sexual na escola como as propostas por Guacira Louro que parecem exigir um trabalho contínuo que reveja e inverta as práticas curriculares costumeiras:

“Uma pedagogia e um currículo queer estariam voltados para o processo de produção das diferenças e trabalhariam centralmente, com a instabilidade e a precariedade de todas as identidades. Ao colocarem em discussão as formas como o outro é constituído, levariam a questionar as estreitas relações do eu com o outro”⁵

São algumas chaves de leitura que esse primeiro contato com uma pequena parcela, ainda que escolhida pelos critérios de qualidade dos trabalhos nos permite pensar. Propomos para continuidade outros recortes que podem viabilizar visões propositivas de outras perspectivas de currículo. Lembrando que segundo Tomaz Tadeu uma teoria sobre currículo também é um discurso sobre ele. Portanto nossa avaliação crítica sobre o que se entende pela inclusão desses temas no currículo denota também a necessidade de rever essas concepções. Contudo conhecer de forma mais ampla as proposições feitas pode apontar outras possibilidades de formação. Propomos a análise dos títulos dos trabalhos como um deles pois essa escolha geralmente é pessoal e expressa, delimita o campo das preocupações que motiva a realização do trabalho. Já nos títulos pode-se perceber a adequação dos conceitos, a abrangência das ações propostas e no caso dos trabalhos que avaliamos a restrição das mesmas a ações pontuais e fragmentadas. A análise dos objetivos também é um recorte possível pois diferentemente do momento destinado às fundamentações teóricas onde há

⁴ LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer Belo Horizonte: Autêntica . 2008. p 33

⁵ LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: Ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica . 2008. p.48



uma compilação de autoras/es muitas vezes indicados durante o próprio curso e portanto coerentes com as orientações do mesmo, no espaço dos objetivos as contradições são explicitadas pois muitas vezes encontramos a presença de um enfoque patológico da homossexualidade contradizendo inclusive os textos de fundamentação usados no próprio trabalho e alguns dos objetivos propostos. Os objetivos, assim como os títulos e as ações propostas são geralmente elaborados inteiramente por quem propõe explicitando suas concepções que as vezes passam despercebidas nas extensas compilações encontradas nas propostas de fundamentação teórica.

Bibliografia

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica . 2008. 96 p.

SILVA, Tomas Tadeu. Novos mapas culturais e o lugar do currículo numa paisagem pos moderna. In SILVA, Tomaz Tadeu e MOREIRA, Antonio Flávio . (Org). *Territórios Contestados: p currículo e os novos mapas políticos culturais*. 5ª ed. Editora Vozes 1995. p184-202.

SILVA, Tomas Tadeu. *Documentos de identidade. Uma introdução as teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica,1999.